

Editorial

Por que Winnicott?

0,60

Este é um numero dedicado à obra de Winnicott.

Anos atrás, uma edição da *RBP* dedicada a esse autor alcançou ampla divulgação, indício do interesse despertado por suas idéias no público brasileiro e do desejo de conhecê-lo melhor. As jornadas sobre Winnicott no meio universitário e entre psicólogos alcançam grande afluência de público.

Por que Winnicott? Como explicar tanto *frisson* por determinado autor?

As opiniões sobre Winnicott variam muito. Temos defensores ferrenhos, temos os apaixonados, há os que não o entendem ou o consideram autor discutível em seu arcabouço teórico.

Lembro-me de uma palestra que assisti no Rio de Janeiro, proferida por H. Thorner, autor muito respeitado da Sociedade Britânica, que viera ao Brasil dar seminários; questionado sobre Winnicott, disse que, em sua opinião, aquele autor tinha medo da agressividade. Recentemente, tivemos opinião semelhante de outro renomado autor que nos visitou, da mesma Sociedade Britânica à qual Winnicott pertenceu, tendo sido seu presidente.

Já uma leitura atenta da obra de Winnicott possibilita encarar de outra perspectiva a questão da agressão, como ela foi vista por ele que a estudou em diversos trabalhos, enfatizando sua necessidade para a constituição de um *self* sadio. E temos opiniões de peso favoráveis à qualidade científica de nosso autor, da parte de analistas de indiscutível competência e prestígio como André Green e Thomas Ogden que consideram Winnicott um dos maiores ou mais originais autores em psicanálise, talvez comparável a Bion.

Quem é Winnicott? Como explicar o fenômeno de tanta polêmica?

Um clínico? Certamente. Contam-se muitas histórias a seu respeito. Em uma delas, consta que Winnicott atendera uma criança de outra nacionalidade, a quem deu demorada consulta, presumivelmente falando cada um em seu idioma natal. Tempos mais tarde, o garoto pediu para ser levado à consulta com aquele senhor, "que falava tão bem a sua língua!". Podemos pensar que o idioma natal de Winnicott era sua incrível empatia.

Além de todo um folclore a seu respeito, percebe-se sua criatividade, por exemplo, ao se pensar no jogo dos rabiscos, uma das suas fecundas invenções.

Trata-se de um teórico em psicanálise, um escritor com idéias claras e um sistema científico bem armado e coerente? Penso que não.

Se o comparamos com a clareza e discursividade de um Freud, ou mesmo com as observações que brotaram da experiência clínica de Melanie Klein, nosso autor não é claro em seus conceitos, não apresenta um desenvolvimento de suas idéias seguindo um sistema dedutivo coerente. Parece-me pessoa com intuição fabulosa, mas que tinha dificuldade em desdobrar sua linha de raciocínio.

Ao referir-se ao seu estilo próprio de elaboração científica, sua metodologia, que partia de sua grande experiência, ao contrário de um estudo sistemático das idéias dos outros autores, Winnicott dizia: "Não vou fazer uma revisão histórica primeiro e mostrar o desenvolvimento de minhas idéias a partir de teorias de outros, porque minha mente não funciona assim..." Esta citação de *Desenvolvimento emocional primitivo*, obra de 1945 do autor, é trazida por Ogden no artigo que inicia este número da Revista. Ogden, um admirador confesso de Winnicott, é dos autores mais conhecidos e estudados em nosso meio, particularmente em suas últimas obras sobre os sujeitos da psicanálise, ao focalizar a dialética sujeito-objeto.

"Lendo Winnicott" é o título do oitavo capítulo de seu livro *Conversas na fronteira do sonhar*.¹ Nesse texto, diz o autor que "Como na escrita de Winnicott estilo e conteúdo são interdependentes, seus artigos não combinam com uma leitura temática com o único objetivo de aprender 'do que trata o artigo'". Ogden prossegue, examinando várias partes do artigo de Winnicott (1945) nas quais as palavras sugerem, estimulam e prenunciam conceitos que o autor desenvolveu mais adiante, em sua obra.

Como considerar então Winnicott? Um gênio, no sentido de alguém que desafia o *establishment* científico com idéias criativas e originais, que apresenta, mesmo sem conseguir dar a elas todo um desdobramento cartesiano? Certamente.

Greenberg e Mitchell² ressaltam duas características do estilo de escrita de Winnicott. Primeiro, de que sua prosa tem a qualidade de ser pouco precisa. Quase todos os seus trabalhos eram de início palestras, seu estilo informal; trata-se de artigos curtos, com predomínio de narrativas clínicas amarradas frouxamente com formulações teóricas epigramáticas.

Os temas centrais eram apresentados como paradoxos que encantam e motivam o leitor a decifrá-los.

Outra característica, no dizer de Greenberg e Mitchell, diz respeito à maneira de Winnicott se relacionar com a teoria psicanalítica clássica. Winnicott refere ser discípulo de mestres como Freud e, de uma maneira um pouco menos entusiasta, de Klein,³ com a qual teve relacionamento difícil. Apresenta sua obra como continuação da desses mestres. No entanto, rejeita a metapsicologia freudiana. "Winnicott preserva

a tradição de maneira curiosa, em grande parte distorcendo-a; apresenta uma interpretação de tal forma idiossincrática dos conceitos de Freud e de Klein e tão pouco representativa de suas formulações e intenções originais que as tornam, muitas vezes, irreconhecíveis" (Greenberg e Mitchell, op. cit.).

Uma boa parte dos temas e interesse de Winnicott constam nos artigos que apresentamos neste número.

Uma das dúvidas freqüentemente levantadas ocorre quando se pensa em termos de parentesco ou linhagem de Winnicott em relação a Freud e a Klein. Neste número apresentamos um minucioso estudo de José Outeiral e Eloísa Helena Celeri sobre as bases freudianas do pensamento de Winnicott. Nesse artigo, os autores defendem a filiação freudiana de Winnicott, base de seus futuros desenvolvimentos, e tomando como base o Édipo, focalizam um Winnicott clássico, por assim dizer, diverso do psicanalista cujas idéias o tornaram um escritor tão fascinante e tão criticado em suas posições inovadoras sobre o desenvolvimento do self, sobre a agressão, sobre a transicionalidade e quanto aos aspectos clínicos relacionados com a regressão. Este último Winnicott é o dos estados mais primitivos da mente, antes que se constitua um self e um objeto diferenciado, permitindo o uso das relações de objeto, no sentido habitual.

Uma análise do contexto histórico das preocupações de Freud situa a psicanálise, disciplina nascente, a partir da observação de fenômenos clínicos em um campo limítrofe da Medicina com a Psicologia. Ambas disciplinas limitadas pelo berço cartesiano que se chocou com as modernas posturas empiristas da época, e que levou Freud a dirigir sua atenção para "uma medicina alternativa" como as técnicas da hipnose e a sugestão. A partir daí, foi tomando corpo, cristalizando-se em sua convicção, a questão da sexualidade; a sexualidade nas relações humanas, em uma sociedade vitoriana.

Se a partir da clínica, a intuição de Freud se voltou para o estudo da sexualidade, em matéria de teorização seu interesse incluiu o estudo do funcionamento mental, resultando na pesquisa e descoberta do inconsciente, espécie de *iceberg* (o Titanic viria a afundar uns poucos anos depois...), constituindo-se então duas linhas centrais do seu pensamento; quanto ao funcionamento da mente, pensamos no "Projeto...", abandonado pelo autor, e a *Traumdeutung* que permaneceu como uma das suas obras mestras.

Klein já não era pioneira quanto ao inconsciente e a importância de sexualidade mas o foi no desenvolvimento da observação do brincar e pôde aprofundar as idéias de Freud com o conceito de fantasia inconsciente.

Surge então seu coetâneo, Donald Winnicott. Pediatra, clínico, e que se interessou não só por Freud, mas pelas descobertas e técnicas kleinianas. Mas desenvolveu um pensamento original, com idéias muito pessoais sobre "natureza humana".

1. N.R. este livro foi resenhado por Maria Stella Godoy Moreira (*Rev. Bras. Psicanál.*, 36 (2) 2002), na qual Stella aponta para a imensa dificuldade de tradução para outro idioma.

2. GREENBERG, J. & MITCHELL, S. (1983), "Object relation in psychoanalytic theory". Harvard University Press, Cambridge MA, 1983

3. Conferir o artigo do próprio Winnicott a este respeito, "A personal view of the Klein contribution" (1962b) e o artigo de Joseph Aguayo publicado no *IJPA* (v. 83, parte 5) sobre o distanciamento das relações entre Klein e Winnicott.

Winnicott se dirigiu para um setor mais específico da condição humana. Olhando as pulsões de ponto de vista singularmente diferente, estudou o *self*, termo tão rotineiro e difícil de se colocar numa lâmina de microscópio, e que passou a despertar tanto interesse em seu desenvolvimento teórico, e mais tarde em Kohut.

O conceito de *self* adquire grande importância em Winnicott, tendo sempre como contraponto a provisão ambiental. Mais do que Kohut, que entendia os *self*-objetos como decorrentes de um dos destinos do narcisismo originário, Winnicott fala de uma evolução a partir do objeto para o sujeito, e a partir de uma fusão original, conceituado como objeto subjetivo.

Neste número apresentamos o trabalho de Maria Ivone Acioly Lins sobre o uso dos termos *self* e *ego* na obra de Winnicott. O próprio Freud no início não considerava os termos de maneira definida. O vocábulo *ego* adquiriu seu estatuto próprio e se difundiu no trabalho de 1923 com a cristalização da segunda tópica, que o autor apresentou como um andaime, um constructo teórico, ao lado dos termos *id* e *superego* para serem assim utilizados como facilitadores do seu viés teórico.

Em outros momentos, como no trabalho "A dissociação do *self* no processo de defesa", Freud utilizou este último termo. Winnicott e Kohut divulgaram o uso referencial do termo *self*. Winnicott escreveu muito sobre o *self*, mas por vezes usa o termo *ego*, como observou Ivone Lins.

Freud rejeitou seu "Projeto...", e não foi o próprio Bion quem publicou as *Thoughts*. Quanto a Winnicott, o que foi chamado de "Explorações psicanalíticas" foram compiladas e editadas só tempos depois. Que valor atribuir a esta obra? São essas considerações que levaram Sonia Abadi, autora conceituada com trabalhos em diversas áreas do pensamento psicanalítico, a escrever o artigo que ora publicamos, focalizando de maneira sintética e oportuna seu entendimento sobre aspectos centrais dessa obra. Ela estuda modelos que escolheu e privilegiou nessa obra: a questão do paradoxo, a transicionalidade e a originalidade da técnica winnicottiana.

Apresentamos neste número vários trabalhos teóricos e outros com ênfase em situações clínicas. Dentre os primeiros, Orestes Forlenza Neto estuda a questão da realidade externa e interna, como é vista a partir de Freud, que destacou a questão da realidade psíquica na sua constatação que pôs em xeque a teoria da sedução. Freud se ocupou da questão da realidade em diversos trabalhos, ao estudar funções do ego e do ego ideal. Orestes estuda ainda a contribuição de outros autores, filósofos e psicanalistas, como Susanne Langer, Leowald e finalmente Winnicott com as idéias deste sobre ilusão e sobre o brincar, bem como os paradoxos a respeito dos objetos transicionais e sua relação com a realidade.

Gilberto Safra nos traz um interessante estudo sobre os destinos do *self* e sua interface com o transgeracional. O autor diz em seu trabalho que "... o gesto criativo acontece em um determinado contexto histórico, em determinado contexto transgeracional." Safra investiga a questão sob três perspectivas: "O bebê pode encontrar em seu berço uma missão, um enigma ou uma questão...". Discorrendo

sobre esses itens, que perpassam questões éticas, de psicologia evolutiva e até de psicodinamismo subjacentes à constituição anti-social, o autor apresenta um trabalho no qual problematiza tais temas que vêm ao encontro do que chamou de "ontologia do homem" percorrendo os caminhos da transgeracionalidade.

Intimamente ligada à constituição do *self*, a teoria do desenvolvimento constitui uma contribuição original de Winnicott e que vem a ser a base dos trabalhos teórico-clínicos que apresentamos a seguir.

Para Winnicott, é o ambiente o responsável, em grande parte, pelo surgimento e vicissitudes do *self*. A teoria e a clínica winnicottianas conferem um peso muito maior ao fator ambiente do que os psicanalistas clássicos.

Não é fácil a leitura dos trabalhos e descrições clínicas de Winnicott e daqueles que seguem suas idéias.

O público das sociedades psicanalíticas do Brasil está mais formado na tradição de Freud e Klein e num tipo de pensamento dedutivo no qual o argumento e a correlação teórico-clínica se tornam mais facilmente compreendidos, podendo também ser criticados com maior peso de substrato teórico.

No clínica winnicottiana, as questões de relacionamento do bebê com seus cuidadores foi enfatizada pelo autor não sob o ponto de vista de vicissitudes pulsionais, mas em conceitos como os de dependência absoluta, dependência relativa e independência, conforme são observados em diversos trabalhos clínicos e teórico-clínicos que apresentamos neste volume.

Assim como focalizou idéias sobre desenvolvimento, Winnicott estudou situações que as idéias de Freud viam como opostas: as de regressão. Este conceito de Freud, problematizado por Klein e Paula Heimann, adquire uma feição própria em Winnicott com um viés totalmente diverso, em sua concepção teórica e clínica.

Para Winnicott, o que chama de regressão no processo terapêutico é um ponto de retomada de crescimento de áreas nas quais ocorreram fraturas e o desenvolvimento de um falso *self*, situação que pode ser revista na nova experiência vivida na análise. Apresentamos três artigos referentes a este tema: o trabalho de Edna Vilete sobre regressão no *setting* analítico, e o de Elney Bunemer, sobre regressão e reconstrução, ilustrados por experiências clínicas, e um terceiro trabalho que consiste em pesquisa mais longitudinal de autoria de Luís Claudio Figueiredo sobre o conceito de regressão em Freud, Ferenczi, Balint e Winnicott.

A difícil questão do entendimento das psicoses é tema ao mesmo tempo estimulante e que desperta no analista a consciência de limite e de perplexidade. Trazemos neste número o relato de uma longa experiência de acompanhamento terapêutico de paciente psicótica relatado por Cecília Hirschzon e Maria Cecília Schiller Fonseca, para o entendimento do qual as autoras procuraram subsídios nas concepções winnicottianas em relação a níveis de dependência.

Um outro trabalho que apresentamos refere-se à experiência clínica que Maria do Carmo Palhares nos traz, referente a uma criança muito regredida e o manejo e entendimento da paciente, à luz das idéias de Winnicott.

Os três trabalhos seguintes referem-se a experiências vivas, que nos são transmitidas com cores e impacto.

Marlene Rozenberg nos fala sobre a questão do "desamparo presente nos momentos de integração entre os estados excitados e os estados tranqüilos que o bebê experimenta...". A autora pensa que a autonomia necessária para o desenvolvimento é que pode levar a paciente a atingir um estado de *concern* e sua evolução até o momento de reconhecimento e *concern* se enraíza no desamparo e sua continência pela analista.

Anna-Maria Bittencourt coloca indagação teórica de grande interesse, em seu trabalho sobre a busca do *self*, como ponto de chegada ou ponto de partida. Seu trabalho, lastreado em substrato teórico consistente, apresenta ilustração clínica condizente com a proposta referida, destacando-se a questão da criatividade.

Rahel Boraks fala da questão da intimidade e do íntimo, relacionados ao desenvolvimento do objeto subjetivo e sua evolução na clínica, destacando as dificuldades que sua paciente apresentou na fusão inicial com a mãe e os manejos defensivos que puderam ser trabalhados na análise.

Roberto B. Graña já é conhecido da revista pelos seus trabalhos relacionando a figura e a contribuição científica de Winnicott com pensadores da época. Em seus estudos sobre a influência da filosofia sobre Winnicott, apresenta aqui a correlação com a fenomenologia de Merleau-Ponty, relacionando o espaço transicional de Winnicott e o campo fenomenal de Merleau-Ponty, trazendo ainda contribuições de Husserl e de Lacan referentes ao tema. Um aspecto que ressalta na obra de nosso autor, a meu ver, é sua relação com uma visão filosófica do homem, aspecto também presente em Bion.

Bion fala em diversos vértices que utiliza em sua leitura do ser humano. Penso que tanto ele quanto Winnicott começaram procurando seguir o rigor científico dos primeiros analistas, mas o pensamento criativo de ambos explodiu em outras formas de discursividade e de pensamento ao procurar entender a natureza humana.

A filosofia, a literatura, os mitos, a psicanálise, nos ajudam a descrever e procurar entender o que caracteriza o homem. É animal racional, social? Capaz de ser amoroso, ou então, lobo do homem? Certamente animal simbólico, segundo Cassirer. Animal lúdico, que o diga Winnicott.

Alguns dos nossos pesquisadores são assim também. Destacam-se como figuras humanas ímpares. Pensamos em um Freud. Pensamos em Winnicott. □

João Baptista N. F. França
Editor